

AS CATEGORIAS DE ANTONIO GRAMSCI PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DOS INTELECTUAIS E DE SEUS APARELHOS DE HEGEMONIA NA FABRICAÇÃO DAS IDEIAS

Iago Brasileiro da Silva Rocha*

Introdução

“A função dos grandes intelectuais, embora permaneça intacta, encontra um ambiente muito mais difícil para afirmar-se e desenvolver-se: o grande intelectual deve também mergulhar na vida prática, tornar-se um organizador dos aspectos práticos da cultura, se quiser continuar a dirigir; deve democratizar-se, ser mais atual: o homem do Renascimento não mais é possível no mundo moderno, quando participam da história, ativa e diretamente, massas humanas cada vez maiores.”¹

Trabalhar com História Intelectual e das Ideias nos impõe a responsabilidade de escolher uma parte conceitual para a instrumentalização de nossas fontes históricas. Essa questão nos coloca diante dessa escolha dentre uma variedade imensa de métodos de abordagens. Este artigo não é uma descrição trivial ou simplesmente retórica, mas uma tentativa de demonstrar ao nosso leitor por que a escolha das categorias conceituais² formuladas por Antonio Gramsci (1891-1937), nos “Cadernos do Cárcere”, tem sido um método fértil para a análise de outras realidades e temporalidades. A “fortuna crítica” gramsciana nos auxilia em itinerários de pesquisas diversas.

Este artigo está voltado para duas frentes: primeiro, problematizar o método de pesquisa acerca da história dos intelectuais; segundo, os “aparelhos de hegemonia” revista/jornais e o partido político, onde, por sua vez, os intelectuais³ atuam para a construção da hegemonia (ou contra-hegemonia). Temos como aporte teórico o seu conceito de “intelectual orgânico”⁴ que nos possibilita investigar a trajetória da intelligentsia, seja, dos intelectuais de pensamento progressista/libertário ou dos ligados às forças reacionárias/conservadoras. Não ficamos restritos apenas a sua obra, mas nos valem de um rol de estudiosos de seu pensamento para fornecer as informações devidas para a formulação de nossas ideias.

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS/UEG). É autor de autor de “José Martí, um intelectual na periferia capitalista: luta política na transição das estruturas de poder em Cuba (1890-1895)”. 2021. 190f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos, 2021. Disponível em: <<http://www.ppghis.ueg.br/referencia/11703>>. Acesso em: 15/11/2021.

¹ Gramsci, *Cadernos do Cárcere*, v. 1, p. 434.

² Advertência: “Estamos cientes de que certos sociólogos fazem distinções entre conceitos e categorias – os primeiros dando conta de realidades particulares, como *Revolução Francesa* e *Revolução Industrial*, e as categorias tratando de noções mais amplas, como *Revolução*” (Silva; Silva, *Dicionário de Conceitos Históricos*, p. 9). Valemo-nos de ambas as noções.

³ Neste artigo, sempre que nos referirmos a intelectuais estamos fazendo menção à categoria de “intelectual orgânico”, nesta discussão não nos ocupamos da definição de “intelectual tradicional”.

⁴ Gramsci apontou sobre o intelectual orgânico, que: “Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: [...] o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc. [...] [o intelectual tem] certa capacidade dirigente e técnica (isto é, intelectual): ele deve possuir uma certa capacidade técnica, não somente na esfera restrita de sua atividade e de sua iniciativa, mas também em outras esferas [...]” (Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, v. 2, p. 15). Ainda acrescentou o papel que desempenham como “[...] intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política” (Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, v.2, p. 24).

Dado a dificuldade de definir e instrumentalizar o seu conceito de “intelectual orgânico” e suas funções na vida social, há estudiosos de sua obra que já trilharam esse caminho. Álvaro Bianchi⁵ e Maria Lúcia Duriguetto⁶, são dois pesquisadores que debruçaram acerca de identificar e evidenciar a fertilidade do método de pesquisa de Gramsci sobre os intelectuais (reflexões contidas, em específico, nos “Cadernos do Cárcere”, volume 2). O nosso recorte temático aqui, é seu método para o estudo da história dos intelectuais. Desse modo, a nossa tentativa é em contribuir para esse debate e, sobretudo, divulgar esse campo da historiografia voltada a História Intelectual e das Ideias.

A agenda de pesquisa delineada pelo marxista sardo⁷ sobre a trajetória da intelectualidade italiana, principalmente, sobre Benedetto Croce (1866-1952), nos proporciona a problematização da atuação de diversos intelectuais em diferentes tempos-espacos. Pois, um número expressivo de pesquisadores “[...] fazem do pensamento desse autor um objeto de estudo ou **uma ferramenta analítica**”^{8,9} Desse modo, nosso objetivo é demonstrar como essa última questão nos auxilia no esquadramento da *intelligentsia* e do impacto de seu pensamento no corpo político-social.

No que tange ao aspecto metodológico desenvolvemos este texto dividindo-o em quatro tópicos: (I) procuramos apresentar como ao pesquisar a trajetória croceana, Gramsci empreendeu um método de pesquisa para o estudo da história dos intelectuais, que pode ser apropriado para analisar o percurso histórico de outros sujeitos ligados à *intelligentsia*; (II) Propomos abordar como os “aparelhos de hegemonias” (revista/jornais/partido político) são o fulcro de atuação dos intelectuais, tornando suas “armas” político-ideológicas na luta pelas conquistas da hegemonia; (III) ocupamos em investigar como os intelectuais concebem, constroem e disseminam as suas ideias no campo político-social; (IV) por último, analisamos como os intelectuais são fundamentais para a unidade entre teoria e prática, abstração e materialidade, concepção e ação no mundo.

Ao pesquisar Croce, Gramsci define um método de análise

Gramsci ofereceu contribuições consideráveis para o mapeamento da trajetória das intelectualidades: 1) seus impactos no campo do pensamento de sua época; 2) o esquadramento da disputa no debate das ideias; 3) como tais ideias capitanearam/capitaneiam o modo de pensar das sociedades (trabalho esse desenvolvido nos “aparelhos de hegemonia”, como: revistas, jornais, partidos políticos e associações culturais). Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves demonstrou a importância do aparato gramsciano como uma chave interpretativa para a observação de outros tempos-espacos:

Antonio Gramsci desenvolveu nos *Cadernos do Cárcere* diversas categorias que, como já foi assinalado por outros autores, permitem um alto grau de generalização, e foram

⁵ Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 1-17.

⁶ Maria Lúcia Duriguetto, *A Questão dos Intelectuais em Gramsci*, passim.

⁷ Para evitar redundâncias, no decorrer do texto aparecerá às denominações de marxista sardo ou autor dos “Cadernos do Cárcere”, para se referir a Gramsci.

⁸ Para destacar nossos grifos, adotamos o **negrito** e, para os grifos dos autores, no original, o *italico*.

⁹ Bianchi, *O Laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*, 2018.

utilizados para diferentes interpretações de distintos contextos. Assim, feitas as devidas ressalvas e respeitadas às especificidades de cada processo histórico [...].¹⁰

O historiador gramsciano ressaltou que é um método seminal, mas que devem ser respeitadas suas limitações na sua aplicação em diversos campos de pesquisa, apesar de sua gama de categorias conceituais, que nos possibilita analisar variados objetos. Para Álvaro Bianchi, o método de Gramsci para estudar a histórias dos intelectuais italianos, em especialmente:

O lugar de Benedetto Croce na cultura italiana da primeira metade do século XX é singular. O crítico, nascido em Pescasseroli, na região de Abruzzo, fez sua carreira à margem do sistema universitário. Mas isso não o impediu de exercer uma função hegemônica no ambiente cultural italiano que só poderia encontrar paralelo ao lugar que Goethe ocupou na Alemanha do século XIX [...]. Para tal utilizou a revista *La Critica* e a editora Laterza para saturar a vida cultural da península com um único ponto de vista.¹²

Essa agenda de pesquisa, sobre Croce nos fornece um “arsenal” de ferramentas para a aplicação na investigação de trajetória de diferentes intelectuais. Nesse sentido, podemos perceber que seu critério de investigação pode ser expandido para outras análises dentro desse nicho. Esse itinerário de pesquisa não está ligado apenas ao intelectual “mas o que interessava primeiramente a Gramsci não era o sistema filosófico croceano e sim como o editor de *La Critica* havia conquistado a hegemonia no ambiente cultural italiano e o alcance desta”¹³. As trajetórias de intelectuais estão imbricadas não só ao seu pensamento, mas em sua capacidade de dirigir e influenciar uma determinada concepção de mundo.

Caracterizar a atuação do “intelectual orgânico” não é uma tarefa simples, porém, o autor dos “Cadernos do Cárcere” nos forneceu algumas pistas. O trabalho desses sujeitos históricos consiste em “um estudo de como se organiza de fato a estrutura ideológica de uma classe dominante: isto é, a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a **‘frente’ teórica ou ideológica**”¹⁴. Essa ação faz-se necessária para compreender como as classes dominantes se impõem enquanto tal e como os grupos subal-

¹⁰ Gonçalves, *História Fetichista: o aparelho de hegemonia filosófica* Instituto Brasileiro de Filosofia Convivium, p. 42.

¹¹ Bianchi, *O Laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*, p.1-17.

¹² Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 85.

¹³ Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 5.

¹⁴ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, v.2, p. 78.

ternos somente se colocarão nesse patamar quando descobrem o caminho a ser trilhado para se tornar a classe hegemônica a partir de uma ofensiva “contra-hegemônica”.

Por outro lado, a necessidade do jornalismo vem no sentido de “um aparelho cultural homogêneo e centralizado, uma força intelectual semelhante a um partido político. Era assim que Gramsci via *La Critica*. Benedetto Croce era seu secretário-geral. Daí a força que adquiriu no cenário intelectual italiano”.¹⁵

O trabalho desempenhado por Croce, em “*La Critica*”, era um jornalismo que cumpria a função de partido, que possibilitou ao filósofo napolitano registrar o seu pensamento e difundir sua concepção idealista no cenário italiano no último quartel do século XIX até meados do XX. “Para Gramsci era nas revistas que as tendências intelectuais mais ativas e inovadoras se encontravam; era por meio delas que a vida cultural e política italiana se expressava e o pensamento se organizava”¹⁶. Fundamentado nessa análise de Gramsci sobre trajetória croceana, Bianchi reuniu, de forma sistematizada, algumas contribuições do método desse estudioso acerca da história dos intelectuais, localizando, portanto, que:

O objetivo dessas pesquisas **não era exclusivamente a exposição da teoria-pensamento de um autor, mas, também, o lugar que este poderia ocupar no interior de uma corrente intelectual e política.** Gramsci de fato oscilava entre o estudo da obra de um “autor-pensador” e a pesquisa a respeito do desenvolvimento das correntes intelectuais às quais uma obra individual encontrava-se associada.¹⁷

Nesse itinerário de investigação:

A preocupação maior de Gramsci estava na dificuldade apresentada por “autores-pensadores” que não expuseram de modo sistemático uma concepção de mundo e na qual está, ao contrário, foi apresentada de modo disperso e fragmentário em grande número de obras de qualidade diversa.¹⁸

¹⁵ Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 5.

¹⁶ Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 5.

¹⁷ Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p.6, grifos nossos.

¹⁸ Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 6.

¹⁹ Marx; Engels, *A Ideologia Alemã*, p. 19.

²⁰ Marx; Engels, *A Ideologia Alemã*, p. 20.

O método de pesquisa gramsciano voltado à história dos intelectuais não se resume à obra do autor, porém, engloba o lugar que o mesmo ocupou no campo do pensamento, o nicho epistemológico a que pertenceu, bem como, as disputas culturais. “Vida e obra” são pensadas de forma unitária na trajetória intelectual. Um exemplo da necessidade de pensar essa questão em seu conjunto, porque “os homens produzem suas ideias ligadas à materialidade do mundo”¹⁹. Assim sendo: “[...] transformam, com a realidade que lhe é própria, seu pensamento e também os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência”.²⁰

Esse método de percorrer a história de intelectuais está alinhado ao estudo não do sentido “vulgar” na separação entre “vida e obra”, mas na sua unidade, na trajetória

político-intelectual que reúne, na atuação teórico-prática dos pensadores. Bianchi²¹ detectou no método de Gramsci, o seu equilíbrio ao propor uma história da intelectualidade italiana. A tríade: estudo biográfico, das obras do autor e a cronologia do desenvolvimento de seu pensamento no decorrer do tempo. Esses mapeamentos são indispensáveis para essa área de pesquisa. Os esclarecimentos sobre as formas de investigação desenvolvidas pelo autor dos “Cadernos do Cárcere” nos possibilitam fazer o uso desse parâmetro que baliza um caminho de pesquisa alinhavado, como exposto abaixo:

A reconstrução do método particular que Gramsci desenvolveu para sua investigação sobre a história dos intelectuais permite compreender melhor seu projeto e, ao mesmo tempo, **pode fornecer pistas interessantes para pesquisadores interessados nesse campo de estudos.**²²

Nesse fragmento, é perceptível que o programa de pesquisa do marxista sardo sobre a intelectualidade italiana dos séculos XIX e XX foi imprescindível para o desenvolvimento de um modelo de investigação que se desdobrou da cena nacional para a internacional, desenvolvido por uma variedade de estudiosos de sua obra, questão identificada por Marcos Del Roio²³. Destarte, fizeram esse processo de “tradutibilidade” de seu itinerário de investigação para outras realidades (respeitando os limites de sua teoria). Um desses exemplos é à assertiva de Bianchi²⁴, que “Gramsci já tem visto de residente permanente na América, onde foi acolhido de modo generoso [...]”.

As “armas” dos intelectuais: revista/jornais e o partido político

Trabalhar com a tríade: intelectuais, partidos políticos e jornalismo (revista/jornais) é um momento oportuno para enveredar pelo método de pesquisa desenvolvido pelo marxista sardo que se debruçou com afinco sobre essas questões no caminho de pesquisa, essas instituições são onde os intelectuais atuam, sejam ao lado das classes dominantes (hegemonia) ou pelas classes dominadas (contra-hegemonia). A *intelligentsia* é fundamental para a constituição dos “aparelhos de hegemonia”²⁵ supracitados. Primeiramente, a importância dos intelectuais para a solidificação desses aparelhos. Gonçalves nos fornece apropriadas formulações sobre essas questões, primei-

²¹ Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 6.

²² Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 14, grifos nossos.

²³ Del Roio, *Gramsci e a Emancipação do Subalterno*, p. 54.

²⁴ Bianchi, *O Laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*, p. 20.

²⁵ Geralmente, usa-se “aparelho de hegemonia” para designar o que Gramsci desenvolveu como “aparelho hegemônico”: “[...] expressão não muito presente, mas que aparece em vários cadernos (Q 1, 6, 7, 10 e 13) de épocas diferentes, incluindo dois textos de segunda redação (Q 10 II, 12 [CC, 1, 320] e Q 13, 37 [CC, 3, 92]” (Liguori, 2017, p. 75). Assim, o intelectual sardo não respondeu “[...] o que é o ‘aparelho hegemônico’? Como funciona? G. [Gramsci] não responde diretamente a essa pergunta, mas dá uma série de ‘pistas’ em alguns Textos B” (LIGUORI, 2017, p. 75). Mencionaremos uma passagem na qual ele mesmo explanou sobre o conceito: “A realização de um aparelho hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico. Em linguagem crociana, quando se consegue introduzir uma nova moral conforme uma nova concepção do mundo, termina-se por introduzir também esta concepção, isto é, determina-se uma completa reforma filosófica” (Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, v. 1, p. 320).

²⁶ Gonçalves, *História Fetichista: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia Convivium*, p. 82-83.

²⁷ Antes de tentarmos definir o que é ideologia, é interessante sublinhar sua complexidade, sua polissemia e suas divergências dentro dos “marxismos”. Esse conceito foi forjado por Destutt de Tracy (1754-1836) para estudar as ideias no seu sentido genérico, isto é, compreendendo ideologia como um conjunto de ideias. No entanto, Marx o ampliou, como destacou Althusser: “A ideologia é, aí, um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1992, p. 81). Assim: “Ao falarmos dos aparelhos ideológicos de Estado e de suas práticas, dissemos que cada um deles era a realização de uma ideologia” (ALTHUSSER, 1992, p. 88). Nesse sentido, podemos enfatizar que a ideologia é um instrumento da classe dominante para alienar e dominar os grupos subalternos, pois, apresenta uma ideia de sua particularidade e tenta torná-la universal, ou seja, uma forma hegemônica de concepção de mundo. A reflexão de Žižek ajuda a “clarear” essa definição da seguinte forma: “‘Ideologia’ pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa, que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação desde meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante” (ŽIZEK, 1999, p. 83). Como vimos no final da citação do filósofo esloveno, o conceito também está ligado aos “[...] sentidos de ideologia associados à ideia de inversão ou falseamento da realidade” (BARROS, 2019, p. 208). De acordo com Althusser, na obra “Ideologia Alemã”, de autoria de Marx e Engels: “A ideologia é concebida como pura ilusão, [...]. Toda a sua realidade está fora dela mesma. A ideologia é, portanto, pensada como uma construção imaginária [...]” (ALTHUSSER, 1992, p. 83). Em Gramsci, ideologia é um “produto”, mas que, ao mesmo tempo, é produtora de ideias que mantêm um *status quo*. Nessa esteira, “as ideologias não são neste caso meros reflexos de uma realidade que está por trás delas, mas ao contrário, são a manifestação

ro, sobre os intelectuais, segundo a relação desses com o partido político

[...] o papel do intelectual enquanto organizador, dirigente e educador; mas isso não significa que é dispensável o estudo e o conhecimento para a realização destas atividades. Mas a tríade organização-direção-educação não pode, em nenhum de seus três momentos, ser realizada sozinha, por um intelectual solitário em seu gabinete; deve ser realizada com outras pessoas numa organização, numa instituição, enfim, num partido.²⁶

Os intelectuais, como os “ideólogos da ideologia”²⁷, assumem as atividades mais refinadas no que se refere ao trato do trabalho intelectual. É importante ter em mente que há dois modelos de intelectuais orgânicos: os da contra-hegemonia, por sua vez, atuam como organizadores e porta-vozes dos grupos subalternos. Por outro lado, os da hegemonia conservadora atua para a manutenção do *status quo* da vida social. Concretizando o “[...] complexo formidável de trincheiras e fortificações da classe dominante”²⁸. Portanto, ambos não conseguem terem êxito no seu empreendimento sem uma relação com os demais indivíduos, uma organização partidária e atividade de imprensa.

Duas questões em Gramsci são fundamentais para a atuação do “intelectual orgânico”, que são os “aparelhos de hegemonia” 1): “**a imprensa é a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica**, mas não a única: tudo o que influi ou pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte dessa estrutura”²⁹. Desse modo, o marxista sardo enfatizou como as revistas e jornais são indispensáveis nas lutas que visam à superação da subalternidade ou, manutenção da ordem; 2): o papel desempenhado pelo partido é o elo, de “[...] sutura completa entre os **intelectuais e o povo**, o que reproduz, na esfera da organização superior, todas as formas escabrosas da concepção real das massas populares”³⁰. O partido político é a representação dessa tentativa de formação unitária: “assim, forma-se uma estreita ligação entre **grande massa, partido e grupo dirigente**; e todo o conjunto, bem articulado, pode se movimentar como um ‘homem-coletivo’”³¹. Assim sendo, a noção de “homem coletivo” consiste na organização dos intelectuais para formar uma força política ativa no combate aos grupos dominantes (ou a favor). Desse modo, os intelectuais baseados nesses dois tipos de “aparelhos de hegemonia” – os jornais e os partidos – fazem “[...] as funções de centralização e dominação da vida cultural [...]”³². A tríade: intelectuais, partidos políticos e jornais são o “núcleo duro” da hegemonia ou contra-hegemonia. Sobre os partidos políticos, Gramsci sublinhou:

Com o crescimento dos partidos de massa e com a sua adesão orgânica à vida mais íntima (econômico-produtiva) da própria massa, o processo de standardização dos sentimentos populares, que era mecânico e casual (isto é, produzido pela existência ambiente de condições e pressões similares), torna-se consciente e crítico.³³

Os intelectuais, por esse prisma, como os construtores das ideologias dos partidos, no âmago da tradução dos sentimentos/paixões populares em um programa de reivindicações político-rationais, visavam a uma padronização no sentido de unificar as massas. Assim, a intelectualidade orgânica atua como “[...] o chefe [que] traduz em ideias-forças, em palavras-forças —, mas ocorre por parte do organismo coletivo, através da ‘coparticipação ativa e consciente’ [...]”³⁴. A atividade intelectual é importante para o momento de transição, onde, posteriormente, o partido assume o protagonismo de centralização da organização política, tornando-se o “**exército político-ideológico**”, isto é, “[...] o moderno Príncipe – o agente da vontade coletiva transformadora não pode mais ser encarnado por um indivíduo”.³⁵ Os jornais e revistas na concepção gramsciana são “trincheiras” ideológicas formidáveis para a construção e uniformização de uma determinada concepção de mundo. A noção de “revista tipo” formulada por Gramsci delinea a função desse aparato político-ideológico, como demonstra Gonçalves:

[...] uma revista tipo deve ter um endereço intelectual muito unitário, isto é, deve haver uma redação homogênea e disciplinada, [...] [que] deve ser fortemente organizada de modo a produzir **um trabalho homogêneo do ponto de vista intelectual**; deve haver um estatuto escrito que impeça rugas, conflitos e contradições.³⁶

No seguinte trecho, Gramsci ofereceu algumas contribuições, enfatizando que:

[...] o jornalismo que não somente pretende satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, **gerar seu público e ampliar progressivamente sua área**. Se se examinam todas as formas existentes de jornalismo e de atividade publicístico-editorial em geral [...] um agrupamento cultural (em sentido lato) mais ou menos homogêneo, de um certo tipo, de um certo nível e, particularmente, com uma certa orientação geral; e que se pretenda tomar tal agrupamento como base para construir um edifício cultural [...].³⁷

do choque das realidades” (BADALONI, 1977, p. 11). O pensamento gramsciano vê essa terminologia não como uma questão que fica apenas no campo das ideias, mas que tem uma relação intrínseca com a materialidade do mundo. Pela dificuldade de síntese que esse tema nos apresenta, sugerimos um estudo mais aprofundado (Cf. ALTHUSSER, 1992; ZIZEK, 1999; BADALONI, 1977; MARX & ENGELS, 2001).

²⁸ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 78

²⁹ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 78.

³⁰ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 32.

³¹ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 147

³² Bianchi, *Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais*, p. 2.

³³ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 147.

³⁴ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 147.

³⁵ Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, p. 103.

³⁶ Gonçalves, a revista brasileira de filosofia como revista tipo: Combates pela filosofia entre ditaduras, p. 162, grifos nossos.

³⁷ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 197, grifos nossos.

O modelo de “revista tipo” aparece como uma forma de pensamento homogeneizador. Um jornalismo voltado desde seus redatores até ao seu público, buscando uma unidade na maneira de conceber as ideias, com a intenção de fundar, desenvolver e disseminar uma determinada concepção de mundo uniforme para intervir na realidade. Os escritores de jornais/revistas devem ter, como principal preocupação, esse caráter de unificação do público, que pode ser heterogêneo, nesse aspecto. O trabalho jornalístico reside nesse agrupamento de estandardização desses prismas diversos.

Os jornais/revistas podem desempenhar um papel de partido político. Essa simbiose aparece, recorrentemente, nos “Cadernos do Cárcere”. Esses “aparelhos de hegemonia” se complementam na busca por dominar ou disputar (polarizar) o campo do pensamento. Essa atuação conjunta é fundamental para a formação unitária.

Christinne Buci-Glucksmann³⁸ entende a ação do “intelectual orgânico” como um especialista na arte política, que busca desenvolver, juntamente, com a massa popular e o partido político, uma forma de intermediar os interesses da ordem dominante ou dos dominados (isso depende qual grupo social esse intelectual pertencente e milita a favor). Nessa esteira, acerca do partido político, Gonçalves dissertou:

[...] o papel do partido é elaborar sua intelectualidade organicamente, prepará-la para a execução de funções necessárias à classe social, transformando seus componentes em políticos qualificados, dirigentes e organizadores. Assim, os intelectuais não são meros estudiosos, eruditos, membros de um estrato socialmente desenraizado – a *intelligentsia*, como definem alguns. [...]. E, por fim, toda esta estrutura partidária lutará para o “*desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política*” que seja condizente com as necessidades históricas de sua respectiva classe social.³⁹

As explanações sobre o encargo do partido (no sentido gramsciano) dentro da luta política não estão alinhadas apenas às funções que conhecemos na contemporaneidade, mas têm uma percepção ampla – em perspectiva histórica –, de sua importância na intervenção do mundo político. Como um direcionador-organizador-educador, é o elemento que dá coesão e sistematização aos anseios das massas, traduzindo-os e sistematizando-os de forma orgânica. Segundo Gramsci⁴⁰, a “instrução-educação” é o âmago da organização dos partidos políticos. Os “intelectuais orgânicos” não são os educadores dos grupos subalternos; podem até marcar um momento de transição, mas os verdadeiros educadores são os partidos, como sublinhou Del Roio: “é

³⁸ Buci-Glucksmann, *Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia*, p. 56)

³⁹ Gonçalves, *História Fetichista: o aparelho de hegemonia filosófica Instituto Brasileiro de Filosofia Convivium*, p.84.

⁴⁰ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 44.

nesse contexto que aparece, com toda a clareza, a necessidade de se educar e de se preparar o educador das massas, o partido revolucionário”⁴¹. Nesse seguimento, Carlos Nelson Coutinho endossou que:

Traduzindo na linguagem peculiar de Gramsci, a tarefa do “moderno Príncipe” consistiria em superar inteiramente os resíduos corporativos os momentos “egoístico-passionais” [...] contribuir para a formação de uma vontade coletiva nacional-popular, ou seja, de um grau de consciência capaz de permitir uma iniciativa política que englobe a totalidade dos estratos sociais de uma nação [...].⁴²

Os desejos/paixões dão lugar a um plano racional, uniforme, organizado, isto é, com capacidade de transformar uma determinada realidade sócio-histórica ou manutenção da mesma. O partido cumpre essa função de traduzir a espontaneidade das massas em um conjunto de reivindicações sistematizadas e, às vezes, ponderadas. A individualidade é outro aspecto que não tem espaço dentro do programa do “moderno Príncipe”, as singularidades devem ser sacrificadas em prol das questões solicitadas pela coletividade. De forma sumariada, “[...] dar aos movimentos espontâneos uma direção consciente [e coletiva] [...]”⁴³.

Nessa tríade: “intelectuais orgânicos”, partido político e jornalismo. Este último ocupa um espaço importante na construção da hegemonia (contra-hegemonia). Por conseguinte, prepara “[...] uma nova cultura e um novo processo educativo”⁴⁴. Para Gramsci⁴⁵, o jornalismo deve partir do princípio de um grupo especializado na arte da escrita e, sobretudo, com um grupo de redatores alinhados com a proposta do jornal/revista. Somente assim, é possível delimitar um método de análise dos assuntos tratados pelo periódico sem causar contradições dentro do seu programa de redação pelo fato de que a ideia é criar um público-redator-leitor homogêneo. Para isso, não pode haver rugas na redação dos textos, eles devem conter um alinhamento unitário. O trecho seguinte demonstra essa questão:

[...] um corpo de redatores especializados, em condições de fornecer, com certa periodicidade, um material cientificamente elaborado e selecionado; a existência deste corpo de redatores, que tenham atingido entre si um certo grau de homogeneidade cultural, não é absolutamente algo fácil, representa um ponto de chegada no desenvolvimento de um movimento cultural.⁴⁶

No fragmento adiante, há a relação entre a concepção de jornais/revistas com caráter de partido:

⁴¹ Del Roio, *Gramsci e a educação do educador*, p. 326.

⁴² Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, p. 104.

⁴³ Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, p. 106.

⁴⁴ Del Roio, *Gramsci e a educação do educador*, p. 313.

⁴⁵ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 206.

⁴⁶ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 206.

[...] um partido que não tem ou não sabe escolher (o que é a mesma coisa) os elementos capazes de bem administrar um jornal ou uma revista? Vice-versa: um grupo que, com meios precários, sabe obter, jornalisticamente, resultados apreciáveis, demonstra com isto, ou já com isto, que saberá administrar bem até organismos mais amplos.⁴⁷

Esse esboço traz à tona a relação indispensável entre partido e jornal/revista como uma espécie que um retroalimenta o outro na ação política. A atividade partidária é uma forma de organizar as pautas de um grupo que reivindica seus direitos, melhores condições de sobrevivência e atuação na vida pública ou de uma classe autocrática que busca manter e aprofundar a inculcação ideológica a serviço da hegemonia dominante, procurando transformá-la, em à concepção de mundo universal. O trabalho jornalístico torna-se um baluarte do partido, na seguinte questão: na divulgação do programa ideológico. Dessa forma, contribui para a edificação da “[...] *hegemonia real*, a capacidade de dirigir de maneira orgânica [...]”.⁴⁸

Os “intelectuais orgânicos”, historicamente, pertencem “[...] a um determinado grupo” que buscam unificar “os elementos sociais que compartilham um mesmo modo de pensar e de agir”⁴⁹. Atuam nos “aparelhos de hegemonia” com o objetivo de modificar ou manter uma visão de mundo homogênea. Para isso, é necessário um trabalho ideológico eficaz. Buci-Glucksmann contribui, clareando a questão da seguinte forma:

Gramsci observa “**que o partido e a forma moderna na qual vontades coletivas parciais que tendem a tornarem-se universais e totais se unificam**”. Essa ação orgânica do Príncipe Moderno é irredutível a qualquer criação *ex nihilo* [do nada], posto que essas “vontades dispersas” já existem e que o Príncipe moderno enquanto dirigente e agente de uma “reforma intelectual e moral” **deve lutar pela sua unificação em uma “vontade nacional”**. Em função do que as massas de tornarão protagonistas de sua história. [...] certo modo de unificação das vontades [...].⁵⁰

Os partidos atuam, então, como órgãos que controlam a direção política, unificação e purificação das “filosofias das massas”, ou seja, a espontaneidade ganha um caráter sistematizado, “[...] na realidade, a “espontaneidade” naturalista é substituída pela consciência humana”.⁵¹

⁴⁷ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 250.

⁴⁸ Buci-Glucksmann, *Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia*, p. 57.

⁴⁹ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 94.

⁵⁰ Buci-Glucksmann, *Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia*, p. 444, grifos nossos.

⁵¹ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 147.

Um intelectual se torna orgânico de uma determinada classe quando inicia uma atividade organizativa-diretiva-educativa. Esses três itens só são possíveis de serem realizados através dos “aparelhos de hegemonia”, que trabalham na disputa ideológica para construir uma frente de atuação. Os dois meios formidáveis que a ideologia opera são o partido, o órgão unitário que possibilita a uniformização de um público diverso e os jornais/revistas que exercem o ofício de propagação doutrinária. Esses “[...] organismos visam promover a chamada “alta cultura”, em todos os campos da ciência e da técnica”.⁵²

Os “intelectuais orgânicos” são forjados dentro do processo histórico na disputa pela hegemonia, atuando ideologicamente amparados na sua concepção de mundo através dos “[...] jornais como capazes de desempenhar a função de partido político”⁵³. Dessa forma, complementando “os partidos respondem aos novos problemas [...]”⁵⁴. Essa relação unitária entre ambos os “aparelhos de hegemonia” é um ponto central, em que os intelectuais atuam em defesa de sua classe, fazendo o trabalho de consolidação e disseminação político-ideológica, do qual são adeptos.

Os intelectuais e a “fabricação” das ideias

Para Coutinho⁵⁵, os intelectuais se apossam dos aparatos necessários (associações político-culturais, partidos políticos, jornais, revistas, etc.) para fortificar as “trincheiras” no campo da “batalha das ideias”. Tornam-se os “educadores-purificados-orientados”, já que a “[...] a direção política é também ineliminavelmente direção ideológica”⁵⁶. A fabricação da ideologia é um ato doutrinário e cabe à *intelligentsia* esse encargo. Essa passagem, na “A Ideologia Alemã”, ilustra como a luta pelas ideias é indispensável para a constituição de uma concepção de mundo de um de certo grupo:

Admitamos que, no modo de conceber a marcha da história, as ideias [...] cada nova classe que toma o lugar daquela que dominava antes dela é obrigada, mesmo que seja apenas para atingir seus fins a representar o seu interesse como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade ou, para exprimir as coisas no plano das ideias: essa classe é obrigada a **dar aos seus pensamentos a forma de universalidade e representá-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos universalmente válidos**. Pelo simples fato de defrontar com a classe, a classe revolucionária se apresenta, de início, não como classe, mas sim como representando a sociedade em geral [...].⁵⁷

Nessa ótica, “[...] a verdadeira riqueza intelectual do indivíduo depende inteiramente da riqueza de suas relações reais”⁵⁸. Essa afirmação galvaniza o pensamento materialista. As ideias não são algo fora da realidade, mas inerentes ao mundo concreto. A luta pela dominação passa pelo campo ideológico. Os intelectuais são os operadores da ideologia, constroem, a partir de uma análise do real, um plano teórico para intervir de forma mais profunda na materialidade.

⁵² Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 19.

⁵³ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 211.

⁵⁴ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo*, p. 241.

⁵⁵ Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, p. 106.

⁵⁶ Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, p. 106.

⁵⁷ Marx; Engels, *A Ideologia Alemã*, p. 50, grifos nossos.

⁵⁸ Marx; Engels, *A Ideologia Alemã*, 2001, p. 34.

É essa concepção que forma a base do pensamento de “Gramsci como materialista [...]”⁵⁹. As ideias no pensamento gramsciano são forjadas na realidade, como a atividade partidária que “[...] não pretende ‘inventar’ esse organismo, pois ele já foi dado pelo desenvolvimento histórico e é o partido político⁶⁰. Para colocar-se como classe dirigente, primeiramente, é necessário cooptar a fabricação e a difusão das ideias a partir dos “aparelhos de hegemonia” que buscam homogeneizar as consciências para se engajarem na luta política com o propósito de criar uma hegemonia. Deve-se considerar que:

Para Gramsci, a possibilidade de tornar-se classe hegemônica encarna-se precisamente na capacidade de **elaborar de modo homogêneo e sistemático uma vontade coletiva nacional popular**, e só quando se forma essa vontade é que se pode construir e cimentar um **novο “bloco histórico” revolucionário [...] [que] assuma o papel de classe dirigente**⁶¹.

O “intelectual orgânico” visa ao trabalho de direção da conquista da hegemonia. Seus projetos só podem ser materializados através do uso dos aparatos que sistematizam e desenvolvem a ideologia: os partidos políticos e os jornais/revistas. As ideias apenas ganham corpo e base concreta através da atuação teórico-prática dentro das correlações de forças (conflitos, convergências, contradições, etc.). Sem programa ideológico, não se sustenta uma determinada ordem política. Para isso, é preciso se valer do “jogo político” de forma equilibrada. Estamos nos referindo à noção de “força” e “consenso” para a sustentação de governos de variados timbres. A intelectualidade, organicamente, que faz essa mediação, compre o papel de reguladora de ideias e distribuidora delas no corpo político-social.

Pensar a atividade dos “intelectuais orgânicos” é uma tarefa indispensável para atribuir seus papéis a partir dos “aparelhos de hegemonia” que dão base para suas ações de “atividade teórico-práticas”⁶², que são os partidos políticos (“moderno Príncipe”, em linguagem gramsciana), os jornais/revistas (como educadores do povo). Esses dois aparatos são imprescindíveis para a ação da *intelligentsia* no seio da sociedade, no qual busca regular e disseminar suas concepções de mundo. Esse esforço ideológico tem como intenção desenvolver um quadro político qualificado, como esboçou Gramsci:

Seria possível usar ou tendência de opiniões se torna partido, isto é, força política eficiente do ponto de vista do exercício do poder governamental. Precisa-

⁵⁹ Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, 103.

⁶⁰ Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, 1992, 103.

⁶¹ Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, p. 105, grifos nossos.

⁶² Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo* p. 43.

mente na medida em que possui (elaborar em seus) dirigentes de vários graus e na medida em que esses dirigentes adquiriram determinada capacidade [...] elaborar dirigentes qualificados; eles são a função de massa que seleciona, desenvolve, multiplica os dirigentes necessários para que um grupo social definido [...] se articule e se **transforme, de um confuso caos, em exército político organicamente preparado.**⁶³

Entendendo dirigente como “intelectual orgânico”, notamos que o partido é o espaço de formação desse grupo que se retroalimenta, aumentando de forma constante a sua agremiação. Dessa forma, os desejos dispersos começam a ganhar um plano de racionalidade, organizando uma frente política-ideológica para atuar com eficácia no exercício da construção de uma hegemonia.

O papel dos intelectuais na ação teórico-prática

As ideias adquirem forças no momento em que são absorvidas pelo movimento real dos sujeitos. Para Marx e Engels⁶⁴, o debate acerca das ideias deve passar de sonhos para dar lugar à realidade da vida material, que é onde os homens atuam (de uma concepção a ação no mundo). Na esteira dessa reflexão, acrescentou Gramsci:

[...] é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente [...].⁶⁵

Para Del Roio⁶⁶, essa é a “[...] situação na qual os intelectuais e a cultura desempenhariam um papel essencial”. Destarte, - em um sentido contra-hegemônico - emancipar os grupos subalternos passa por essa modificação na consciência coletiva dos indivíduos, que devem não mais pensar de forma passiva, no entanto, revolucionária. Ainda sublinha que “[...] a emancipação do subalterno passa pela construção de um novo bloco histórico e, como constitutivo desse processo, de uma reforma moral e intelectual (uma revolução cultural gerada na autoeducação das massas)”⁶⁷. A importância de teoria e prática é onde reside o cerne da homogeneização, que é uma ação para a revolução. Gramsci discorreu de forma pormenorizada sobre esse tema, enfatizando que:

Já que toda ação é o resultado de vontades diversas, com diverso grau de intensidade, de consciência, de homogeneidade com o inteiro conjunto da vontade coletiva, e claro

⁶³ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Breves Notas Sobre a Política de Maquiavel*, p. 84-85, grifos nossos.

⁶⁴ Marx; Engels, *A Ideologia Alemã*, p. 3.

⁶⁵ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 94.

⁶⁶ Del Roio, Gramsci e a Emancipação do Subalterno, p. 66.

⁶⁷ Del Roio, Gramsci e a Emancipação do Subalterno, p. 69.

⁶⁸ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 260.

⁶⁹ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 260, grifos nossos.

⁷⁰ Esse conceito é concebido como um olhar sobre o mundo, que combate o senso comum e as especulações filosóficas, pelo fato de ser uma filosofia do combate. Gramsci considerou que “é evidente que, para a filosofia da práxis, a ‘matéria’ não deve ser entendida nem no significado que resulta das ciências naturais [...], nem nos significados que resultam das diversas metafísicas materialistas [...]. A matéria, portanto, não deve ser considerada como tal, mas como social e historicamente organizada pela produção [...] deve ser considerada essencialmente como uma categoria histórica, uma relação humana” (Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 160). O marxista sardo desenvolveu essa categoria como uma filosofia da ação (teórico-prática), na qual os homens agem no mundo através de uma base (não abstrata) material, onde “[...] eleva este elemento a princípio de conhecimento e, [...] conseqüentemente, de ação” (Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 204).

⁷¹ Marx; Engels, *A Ideologia Alemã*, p. 103.

⁷² Buci-Glucksmann, *Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia*, p. 38.

que também a teoria correspondente e implícita será uma combinação de crenças e pontos de vista igualmente desarticulados e heterogêneos. Todavia, existe adesão completa da teoria à prática, nestes limites e nestes termos. Se se coloca o problema de identificar teoria e prática, coloca-se neste sentido: no de construir, com base numa determinada prática, uma teoria que, coincidindo e identificando-se com os elementos decisivos da própria prática, acelere o processo histórico em ato, tornando a prática mais homogênea, coerente, eficiente em todos os seus elementos, isto é, elevando-a a máxima potência; ou então, dada uma certa posição teórica, no de organizar o elemento prático indispensável para que esta teoria seja colocada em ação.⁶⁸

Desse modo:

A identificação de **teoria e prática é um ato crítico, pelo qual se demonstra que a prática é racional e necessária ou que a teoria é realista e racional**. Daí porque o problema da identidade de teoria e prática se coloca especialmente em determinados momentos históricos, chamados “de transição”, isto é, de mais rápido movimento de transformação, quando realmente as forças práticas desencadeadas demandam a sua justificação a fim de serem mais eficientes e expansivas, ou quando se multiplicam os programas teóricos que demandam, também eles, a sua justificação realista, na medida em que demonstram a sua possibilidade de assimilação por movimentos práticos, que só assim se tornam mais práticos e reais.⁶⁹

A demonstração de que teoria e prática, pensamento e ação, são questões que formam a filosofia da *práxis*⁷⁰ é compreendida como não apenas um modo de pensar o mundo, mas de intervir no mesmo. Há uma frase de Marx contida nas “As Teses Sobre Feuerbach”, a Tese XI, que é reveladora no sentido de demonstrar seu método para a compreensão do estudo sobre o movimento das ideias e de sua aplicação na realidade concreta: “os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que trata é de *transformá-lo*”⁷¹. Por conseguinte, a teoria “[...] não funcionará nunca como instância separada, afastada do movimento da pesquisa científica e da luta de classe em que ela intervém. Ela é muito mais um laboratório teórico e experimental [...]”⁷².

Os intelectuais operam a serviço da busca da homogeneidade coletiva, trabalhando os prismas diversos dos indivíduos singulares com o propósito de uniformizá-los para alcançar um determinado fim, tal como

a construção da hegemonia. Seu papel é conectar teoria e prática, intelectuais e povo, etc. Essa atividade reside na operação dos “aparelhos de hegemonia”. A ideologia opera através desses aparatos instrumentalizados por uma intelectualidade. A intelligentsia, como construtora ideológica, encontra dentro do movimento real dos processos históricos os problemas e implicações de suas épocas, e, assim, propõe uma teoria que consiga interferir com precisão na materialidade do mundo.

Neste trabalho, pensamos a definição de ideologia fundamentado na “fortuna crítica” de Gramsci, que destoa de Marx e Engels⁷³, para quem “[...] os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmo, daquilo que deveriam ser”. Para ambos, o conceito se caracteriza como “falsa consciência” ou “consciência invertida”⁷⁴. O pensamento gramsciano ampliou essa concepção, assinalando que:

[...] iniciativas ideológicas de uma determinada classe de pessoas para mudar, corrigir, aperfeiçoar as concepções do mundo existentes em todas as épocas determinadas e para mudar, portanto, as normas de conduta que lhes são relativas e adequadas, ou seja, para mudar a atividade prática em seu ...⁷⁵

Segundo Gramsci⁷⁶, “[...] as ideologias têm uma validade que é ‘psicológica’: elas ‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.” O marxista sardo concebeu esse conceito como um sistema de ideias políticas que tem uma ligação com o mundo concreto, no qual a ideologia não é apenas uma fantasia, mas um mecanismo que orienta os sujeitos históricos.

Considerações Finais

A nossa proposta com o artigo foi evidenciar o método de Gramsci para o estudo da história dos intelectuais, juntamente, com seus “aparelhos de hegemonia”, que é onde esses sujeitos elaboram e disseminam suas ideias dentro da dinâmica da vida político-social. Constatamos que a intelligentsia é fundamental para a formação da direção político-ideológica de qualquer projeto hegemônico (ou contra-hegemônico). Concluimos que não a razão de pensar uma história dos intelectuais apartada dos “aparelhos de hegemonia”. Os intelectuais só alcançam força (“musculatura político-social”) através da sua atuação nas instituições (revista/jornais, partido político e associações culturais), nas quais seus ideais de mundo são criados e divulgados.

⁷³ Marx; Engels, *A Ideologia Alemã*, p. 3.

⁷⁴ Não adentramos na discussão sobre a concepção de ideologia materialista (Marx) ou idealista (Hegel). Não é o nosso foco neste trabalho. Para uma compreensão desse debate, indicamos um aprofundamento (Cf. MARX & ENGELS, 2001).

⁷⁵ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 325.

⁷⁶ Gramsci, *Cadernos do Cárcere: Introdução ao estudo da filosofia*, p. 237.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 2ª ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura V. de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BIANCHI, Álvaro. Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais. Revista Brasileira De Ciências Sociais, v. 34 nº 99, 2018a, p. 1-17. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092019000100509&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 20/set/2020.

_____. O Laboratório de Gramsci: filosofia, história e política. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2018b.

BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia. 2ª ed. Tradução de Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

BARROS, José D'Assunção. O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BADALONI, Nicola. Liberdade individual e homem coletivo em Antonio Gramsci. In: FERRI, Franco. Política e História em Gramsci. V. 1. Tradução de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p.9-69.

COUTINHO, C. N. A hegemonia da pequena política. In: OLIVEIRA, F.; BRAGA, R.; RIZEK, C. Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 29-43.

_____. Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. A Questão dos Intelectuais em Gramsci. Serviço Social. São Paulo: [sem vol.] nº 188, abr./jun./2014, p. 265-293. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ssoc/n118/a04n118.pdf> . Acesso: 20/set./2020, p. 265-293.

DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a educação do educador. Cad. Cedes, Campinas, vol. 29, nº 70, p. 311-328, set./dez. 2006.

_____. Gramsci e a Emancipação do Subalterno. *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, nº 29, p. 63-78, ago./nov., 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. v. 1, Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do Cárcere**: Os Intelectuais. O Princípio Educativo. *Jornalismo*. 2ª ed. v. 2. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Cadernos do Cárcere**: Breves Notas Sobre a Política de Maquiavel. 4ª ed. v. 3. Tradução de C. N. Coutinho, M. A Nogueira, L. S Henriquês. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GONÇALVES, Rodrigo Jurucê Mattos. **História Fetichista**: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia *Convivium*. Anápolis: Ed. UEG, 2017.

_____. A REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA COMO REVISTA TIPO: Combates pela filosofia entre ditaduras. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**. Marília-SP, n. 5, p. 160-174, ago./dez., 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 2ª ed., 2ª tiragem, tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Kalina Varderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 3ª ed., 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

ZIZEK, Slavoj. Introdução: O espectro da ideologia. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 07-38.

RESUMO Neste artigo nosso objetivo é abordar o método de pesquisa desenvolvido por Antonio Gramsci nos “Cadernos do Cárcere” acerca da história dos intelectuais e sua atuação nos “aparelhos de hegemonia” (revistas/jornais e partidos políticos). Nesse percurso de investigação constatamos e problematizamos como respetivos aparelhos são as “armas” de combate da *intelligentsia* para criar, regular, transformar e manter determinadas concepções de mundo. Desse modo, percebemos que o conceito gramsciano de “intelectual orgânico” auxilia na análise não só de intelectuais de pensamento progressista (a serviço da classe dominada), mas também de timbre autoritário/conservador (a trabalho da classe dominante), ambos empreendem, organicamente, sua atividade.

PALAVRAS-CHAVE

Intelectuais, “aparelhos de hegemonia”, histórias dos intelectuais, Gramsci.

ABSTRACT

In this article, our objective is to approach the research method developed by Antonio Gramsci in “Prison Notebooks” about the history of intellectuals and their role in the “hegemonic apparatus” (magazines/newspapers and political parties). In this path of investigation, we see and discuss how their respective apparatus are the “weapons” of *intelligentsia* combat to create, regulate, transform and maintain certain conceptions of the world. In this way, we realize that the Gramscian concept of “organic intellectual” helps in the analysis not only of the intellectuals of progressive thought (at the service of the dominated class), but also of the authoritarian/conservative timbre (of the work of the ruling class), both of which compromise, organically, its activity.

KEYWORDS

Intellectuals, “apparatus of hegemony”, histories of intellectuals, Gramsci.

RECEBIDO: 20.09.2021
ACEITO: 18.01.2022

IAGO BRASILEIRO DA SILVA ROCHA

iago.brasileiro10@hotmail.com